III CEMED
CONGRESSO ESTADUAL DE MEDICINA

EVOLUÇÃO DA PREVALÊNCIA DE HIPERTENSÃO ARTERIAL NO POVO SURUÍ-PAITER EM RONDÔNIA

GONÇALVES, Guilherme Souza[1]; SILVA, Ana Beatriz Daud[1]; MACARI, Matheus Dal Bosco[1]; ANTONIO, Heriton Marcelo Ribeiro[2]

[1]Acadêmico do curso de Medicina da UNINASSAU Cacoal; [2]Orientador Docente do curso de Medicina da UNINASSAU Cacoal.;

guilherme14152006@gmail.com (1° autor)

Introdução: O povo Suruí-Paiter, habitante da Terra Indígena Sete de Setembro, em Rondônia, manteve historicamente um modo de vida baseado na caça, coleta e agricultura tradicional, com baixa ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis. Após o contato oficial com não indígenas em 1969, intensificaram-se transformações socioculturais e alimentares decorrentes da expansão urbana. Em um estudo de campo realizado em 1988, não foram identificados casos de Hipertensão arterial sistêmica (HAS) entre os Suruí (prevalência de 0,0%), utilizando critério diagnóstico de ≥160/95 mmHg. Em 2005, estudo com 251 adultos Suruí identificou prevalência de HAS de 2,8%, com critério de ≥140/90 mmHg, sinalizando um aumento importante dessa condição na população. **Objetivos:** Analisar a evolução temporal da prevalência de hipertensão arterial entre o povo Suruí-Paiter em Rondônia. **Métodos:** Estudo transversal descritivo com dados secundários do DSEI Vilhena (Distrito Sanitário Especial Indígena), obtidos mediante ofício de pesquisa aceito pela coordenação distrital. Incluídos casos de HAS (CID I10) e dados demográficos da SIASI (Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena) referentes à população Suruí. Prevalência calculada com IC95% pelo método de Wilson, utilizando o software OpenEpi. **Resultados e Discussões:** Foram identificados 52 casos de HAS em uma população de 1.418 Suruí-Paiter aldeados, resultando em prevalência de 3,7% (IC95%: 2,8%–4,8%). Comparando os três períodos, 0,0% em 1988, 2,8% em 2005 e 3,7% em 2026, observa-se tendência de crescimento ao longo de 38 anos. A prevalência atual é inferior à média de 6,2% para indígenas brasileiros, porém essa comparação deve ser interpretada com cautela, uma vez que o referido estudo agrega predominantemente populações adultas, enquanto o denominador do presente trabalho inclui toda a população aldeada, o que tende a diluir a estimativa. A trajetória ascendente é consistente com o processo de transição nutricional descrito para essa etnia, e os dados de 2026 provêm de registros administrativos, o que pode subestimar a prevalência real. **Conclusão:** A passagem de 0,0% para 3,7% em 38 anos sugere tendência de crescimento da HAS entre os Suruí-Paiter, acompanhando as transformações socioculturais vivenciadas pelo povo, especialmente a transição nutricional e o maior consumo de alimentos industrializados. A comparação entre os períodos deve ser interpretada com cautela pelas diferenças metodológicas entre os estudos. Os dados reforçam a necessidade de vigilância contínua e a demanda de mais estudos com aferição direta nessa população.

Palavras chave: Hipertensão arterial. Indígenas. Rondônia